

OS PARAENSES APRENDERAM: DIREITOS NÃO CAEM DO CÉU FEITO CHUVA

"Cansados de mentiras e falta de respeito, os moradores de algumas ruas de um bairro de Belém do Pará resolveram dar um basta. A Prefeitura tinha começado obras na rua e, há meses, eles agüentavam mais poeira do que o pessoal do Rio, que vive às margens do metrô. E pediam providências. Que não vinham. Aí, eles resolveram tomá-las: um velhinho se deitou no meio da rua e falou: "Automóvel aqui só passa por cima de mim". Mulheres e crianças bloquearam as entradas das ruas com móveis velhos, colchões, galhos, os diabos, e ficaram ali, no meio da barricada: "Ninguém passa!" Logo, logo as autoridades tomaram providências: mandaram a polícia (tão mais fácil!).

E aconteceu que a imprensa de Belém chamou de "A Guerra da Poeira". Que deu empatie, pois tanto crianças foram espancadas quanto policiais — tudo povo, Senhor! — saíram de lá de maca. No final, parece que o povo venceu, pois quando o povo tem coragem de reivindicar seus direitos, mais cedo ou mais tarde ganha. Quando eu deixei Belém, a Prefeitura estava asfaltando os campos de batalha e a consciência da cidade reclamava a maneira com que as autoridades em todo o Brasil tentam resolver os problemas e as reivindicações populares: na base do cacete. Aí está o documento que eu trouxe de Belém, para ilustrar o jeito de ser deste país, do Oiapoque ao Chuí" (Ziraldo, *O Pasquim*, 24.11.77).

— "Na hora do sofrimento e da angústia, é necessário que todos dêem o seu testemunho. Por isso, vimos abaixo-assinados firmar nossas posições ante os graves fatos que emocionam o povo paraense no momento presente, já conhecidos nacionalmente como a Revolta Contra a Poeira". Apesar do Povo ser o verdadeiro construtor de nosso País, com

seu trabalho, esforço e suor, cada vez mais se vê atirado a uma situação de miséria social. Oprimido por baixos e injustos salários, é obrigado a viver em bairros e moradias sem as mínimas condições de saneamento, conforto e segurança; onde tudo falta: água, esgoto, luz elétrica, escolas, hospitais — embora pague todos os impostos, determinados pelos governantes.

Somado a tudo isto, mais um pesadelo apareceu: a poeira. Sem asfalto, as ruas empirraçadas tornaram-se insuportáveis. Poeira que tudo suja, poeira que irrita, poeira que envenena o ar, que adocece homens, mulheres e sobretudo as crianças; e que até provoca mortes. E o povo da Mauriti, da Djalma Dutra, da Barão do Triunfo, da Pedro Álvares Cabral, desta vez não mais agüentou calado. Cansado de tanto pedir providências às autoridades, resolveu protestar, de modo pacífico, porém firme, impedindo o tráfego de veículos nessas ruas, com as chamadas barreiras.

E quando todos esperavam compreensão do sofrimento do povo, estímulo à sua iniciativa de participação social, respeito ao seu legítimo direito de protestar — o que se viu e se presenciou foram as mais absurdas cenas de barbarismo e violência policial. As ruas interditas com barreiras foram transformadas em verdadeiro palco de violência, com a presença de cerca de 400 policiais e aproximadamente 50 viaturas. Em vez do asfalto, dezenas de prisões arbitrárias. Em vez da compreensão, o espancamento público e generalizado de homens, mulheres e crianças. Em vez da ajuda e do estímulo, bombas de gás lacrimogêneo e cães amestrados para intimidar o povo. Em vez de respeito, a ameaça com a Lei de Segurança Nacional, chamando o povo de subversivo.

Não podendo aceitar tais fatos, vimos aqui manifestar nosso repúdio a todas as violências policiais, cometidas contra o povo da Mauriti, Djalma Dutra, Barão do Triunfo e Pedro Álvares Cabral, bem como afirmar nossa solidariedade a esse povo sofrido e oprimido, especialmente àqueles que foram diretamente ameaçados, espancados e presos.

Reafirmamos que "Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal" e que "Ninguém será submetido a tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante" (Declaração Universal dos Direitos do Homem). "Que é dever primordial do Estado estimular a participação consciente e responsável do povo no processo político, social e cultural" (Exigências Cristãs de uma Ordem Política).

Reafirmamos enfim que todo Poder emana do Povo e em seu nome será exercido" (Art. 1º da Constituição Federal). Que somente uma ordem justa e democrática é legítima; e que o respeito à liberdade de organização, expressão e manifestação é a base de todo regime democrático". Aí vêm as assinaturas das entidades: todas da mais alta responsabilidade: Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos. Secretariado da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Secretariado da Conferência dos Religiosos do Brasil. Instituto de Pastoral Regional. Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. Distrito II da Arquidiocese de Belém. E mais nove Diretórios Acadêmicos do Pará.

Será que ainda passa pela cabeça de alguém que entidades tão respeitáveis estejam só querendo perturbar e subverter a ordem, quando clamam e reclamam direitos do povo de Deus? Ainda passa sim, infelizmente. Mas você, irmão, tome posse da sua consciência crítica e descubra: direito e moral muitas vezes são apenas conveniências de quem está por cima da carne-seca; daí serem pichados de subversivos e perturbadores os que clamam que os direitos são de todos.

CATABIS & CATACRESES

A DOCE VIDA

1. O doutor Alvaro Mayrink da Costa condenou a atriz Scarlet a um ano de reclusão, em estabelecimento hospitalar. Crime: tóxico. Scarlet sofre na carne aquilo que aprendeu ingenuamente da sociedade permissiva. Tóxico e o resto. Tóxico e o vazio de uma vida cheia de coisas vãs.

2. A propósito de falhas no processo policial o doutor juiz critica a Polícia: "No que tange a avaliação do atuar da acusada e a participação eventual de terceiros, perdeu a justiça penal sua grande oportunidade por não ter sido

feito o flagrante no interior do restaurante Antonio's, fechando-se as portas e procedendo-se indiscriminadamente a busca pessoal em todas as pessoas que lá se encontravam" (JB 10.12.77).

3. E acrescenta: "É lamentável a discriminação das autoridades policiais em razão do status social, visto que se o fato tivesse ocorrido em um botequim freqüentado por pobres operários, as autoridades jamais teriam se descuidado da prova".

4. A estas palavras desmascaradoras todo o sistema devia tremer. Talvez mes-

mo desmoronar. Nem treme nem desmorona. Depois da onda antitóxica que este e outros casos despertaram, é possível que tudo recaia na doce vida de sempre. Reis da noite e do vício, rainhas do *grand-monde*, senhores do mundo levando às últimas conseqüências o culto do prazer e do dinheiro.

5. Scarlets e Cláudias, Sheilas e Aracellis ressurgirão do nada e recomeçarão sempre de novo o caminho de sangue e de dor. A sociedade afluente e consumista dorme em paz. Tudo tão natural!

2º DOMINGO DA QUARESMA (19-02-1978)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.

Cantos: Missa Trabalho e Justiça para Todos, Camp. da Fraternidade 1978.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

I Senhor, na tua casa, entramos com louvor / nós somos o teu povo, irmãos no teu amor.

1. Vamos todos, irmãos reunidos, / ao Senhor nosso Deus adorar. / Ele quer, pelo nosso trabalho, / mundo novo e fraterno criar.

2. Mas o homem, no seu egoísmo, / muito explora o trabalho do irmão. / Nele ofende a imagem divina / e por isso pedimos perdão.

3. Tu és Santo, és a fonte da vida / e nos chamas contigo a lutar. / Obrigado porque trabalhando / nossa história podemos mudar.

4. Vem conosco, Senhor, caminhar / e que haja no mundo, em verdade / para todos justiça e trabalho / na alegria da fraternidade.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, graça e paz a todos vocês, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, que se entregou por nossos pecados, a fim de nos livrar da presente era de maldade, segundo a vontade de Deus nosso Pai.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. As leituras da missa nos ajudam a entender nossa missão no mundo como sendo trabalho a ser feito, obra a ser construída. A primeira leitura fala na vocação de Abraão, pai do Povo de Deus. O Evangelho relata a transfiguração de Jesus. A segunda leitura é convite à participação nos "sofrimentos pela causa do Evangelho de Cristo, o Salvador que aniquilou a morte e fez resplandecer a vida. Trabalho é dimensão essencial da vocação humana, porque a criação de Deus é obra incompleta. Deus não criou o mundo já pronto. Ele o criou aberto à evolução e ao desenvolvimento, em ordem a uma realização cada vez mais plena. O homem não apenas foi criado como as outras criaturas, mas aberto ao desenvolvimento de sua personalidade; ele recebeu de Deus a vocação de responsável por seu crescimento como pessoa e pelo aperfeiçoamento do universo. Assim Deus lhe deu a vocação de criador, participante na obra criadora de Deus. É pelo trabalho que o homem cumpre sua vocação admirável. Por tantos motivos, Fraternidade no mundo do trabalho é a reflexão da quaresma e tema da Campanha da Fraternidade, este ano.

4 ATO PENITENCIAL

S. (Exortação ao arrependimento, de acordo com o sentido da missa. Pausa para a revisão de vida). Tende compaixão de nós, Senhor.

P. Porque somos pecadores.

S. Manifestai, Senhor, a vossa misericórdia.

P. E dai-nos a vossa salvação.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. P. Amém.

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

5 COLETA

S. Oremos: Ó Deus, no evangelho nos mandais ouvir vosso Filho amado; alimentai-nos hoje com sua Palavra, para que ela purifique, esclareça e aprofunde nossa fé; e nos alegremos, trabalhando e lutando pelo vosso Reino. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

6 PRIMEIRA LEITURA

L C. A primeira leitura é tirada do Livro do Gênesis (12,1-4a). Abraão, pai do povo do Antigo Testamento, é símbolo de Deus, Pai de todos os homens; somos todos irmãos, lutando e caminhando juntos, na construção da terra prometida.

L. Leitura do Livro do Gênesis: «Naqueles dias, o Senhor falou a Abraão: «Deixa a tua terra, os teus parentes e a casa de teu pai, e vai para o país que eu te indicar. Farei de ti um grande povo e te abençoarei. Engrandecerei o teu nome, para que sejas uma fonte de bênçãos. Abençoarei a quem te abençoar e amaldiçoarei a quem te amaldiçoar. Em ti serão abençoadas todas as nações da terra». Abraão partiu como o Senhor lhe tinha ordenado». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

7 CANTO DE MEDITAÇÃO

Felizes os que ouvem a Palavra do Senhor / felizes os que buscam a justiça e o amor.

1. Volta, meu povo, ao Senhor, mudando a vida / mudando a história por ti mesmo construída.

2. Clamas por Deus, mas O oprimes no operário / que tem direito a bom trabalho e a bom salário.

3. Quebra as cadeias da miséria e opressão / eis o jejum, eis a sincera conversão.

4. Ouve a Palavra que te dá coração novo / e que te faz sentir irmão, formar um povo.

8 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada da segunda Carta de Paulo a Timóteo (1,8b-10). Ser cristão é participar nos sofrimentos, perigos, riscos e perseguições por cau-

sa do Evangelho, em vez de ficar esperando passivamente que aconteça alguma coisa por força de milagres.

L. Leitura da segunda Carta de S. Paulo a Timóteo: «Filho querido, divide comigo os sofrimentos por causa do evangelho, contando com o poder de Deus. Ele nos salvou e nos escolheu com santa vocação, não por merecimento de nossas obras mas em vista de seu plano e através de sua graça. Esta graça nos foi dada em Cristo Jesus, desde toda a eternidade, e nós a conhecemos pelo aparecimento de nosso Salvador Jesus Cristo. Ele destruiu a morte e fez resplandecer a vida e a imortalidade, por meio do evangelho». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

9 ACLAMAÇÃO

B Bendita seja a Palavra do Senhor! / Bendito quem a vive com amor!

A Palavra de Deus escutai / no Evangelho Jesus vai falar: / «A Justiça do Reino do Pai / procurai em primeiro lugar».

10 TERCEIRA LEITURA

C. A terceira leitura é tirada do Evangelho de Mateus (17,1-9). É agradável, porém infantil, buscar na religião prazer espiritual, segurança pessoal, fuga de problemas. É preciso descer a colina para ficarmos no meio dos problemas, a fim de que eles tenham solução cristã.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus.

P. Glória a vós, Senhor.

S. «Um dia, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e os conduziu à parte, a uma alta montanha. Ali se transfigurou diante deles: seu rosto resplandecia como o sol, as vestes tornaram-se brancas como a neve e apareceram Moisés e Elias, conversando com ele. Pedro então tomou a palavra e disse a Jesus: «Senhor, como é bom estarmos aqui! Se quiseres, faremos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias». Pedro ainda falava quando uma nuvem luminosa cobriu a todos com sua sombra. E uma voz, vinda da nuvem, falou: «Este é o meu Filho bem-amado, no qual pus a minha predileção: escutem-no!» Ouvindo isso, os discípulos caíram com o rosto no chão e ficaram com muito medo. Aí Jesus se aproximou, tocou-os e disse: «Levantem-se e não tenham medo». Eles, erguen-

IMAGEM DIVERTIDA

1. Seu Gildo, pacato e sensível cidadão, queima de amor à grande Pátria que a duras penas vamos construindo. Daí por que se impressiona com a crise de gasolina. O petróleo terminará. E uma sociedade que se ergueu sobre lençóis de petróleo vê-se marchando para a morte quando os lençóis previsivelmente secarem. Importa uma solução drástica. Mas antes os pensadores oficiais e oficiosos fundiram a cuca. E descobriram fórmulas de simplicidade impressionante, como logo se verá.

2. Entre os produtos gloriosos das cucas fundidas seu Gildo escuta e ouve: «Não passe de oitenta! Descanse em casa nos domingos e feriados! Ande a pé! Prefira a bicicleta! Poupe gasolina!» Etc. e tal. Mas a simplicíssima de todas as fórmulas geniais achou-a o inspirado jornalista: «transporte solidário». Olhai, tu que andavas solitário em teu carrão: carregue mais dois, mais três, mais quatro. O Governo aderiu à campanha genial e pela TV sugeriu a todos os cidadãos: «Brasileiro, dê carona! Brasileiro, peça carona». Feliz Pátria.

3. Feliz Pátria do transporte solidário. Mas foi aí que seu Gildo se estrepou. Estende o braço e pede carona. O carro pára (conta) e eu perguntei se eles podiam me dar carona pra cidade. O homem gordo que ia no banco traseiro danou-se e falou de prisão. Arrancou. Passado o susto, verifiquei que era um carro oficial, chapa branca. Meu Deus, que perigo. Seu Gildo aprendeu na carne a secular sabedoria: «Faça o que eu digo, não faça o que eu faço». Aprendeu também que a gasolina dos chapas brancas é muito diferente. (A. H.).

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Dn 9,4b-10; Lc 6,36-38 /
Terça-feira: Is 1,10.16-20; Mt 23,1-12 /
Quarta-feira: 1Pd 5,1-4; Mt 16,13-19 /
Quinta-feira: Jr 17,5-10; Lc 16,19-31 /
Sexta-feira: Gn 37,3-4.12-13a.17b-28; Mt 21,33-43.45-46 / Sábado: Mq 7,14-15.18-20; Lc 15,1-3.11-32 / Domingo: Ex 17,3-7; Rm 5,1-2.5-8; Jo 4,5-42.

MINISTÉRIO DA PALAVRA TRABALHO PARA TODOS

O problema do trabalho — Emprego e subemprego — Falta de formação profissional — Exploração — A solução depende do operário também — Conscientização — Receio das elites — Paternalismo e infantilismo — Esperança.

A Folha: *O tema da Campanha da Fraternidade de 1978 é "Fraternidade no Mundo do Trabalho". E o lema: "Trabalho e justiça para todos". Por que esta insistência num problema que todo o mundo conhece e que não se pode resolver?*

D. Adriano: Há um engano em dizer que todo o mundo conhece o problema levantado mais uma vez pela Campanha da Fraternidade. Muitíssimas pessoas ignoram que não há trabalho para todos. Há gente bem que pensa: no Brasil há trabalho para quem quer trabalhar, só não trabalha quem é preguiçoso. Teoricamente isto pode ser verdade. Na prática a situação é diferente. Mesmo em regiões industrializadas, como por exemplo no Rio de Janeiro, o que predomina é o subemprego. Certamente os milhares de camponeses vindos do Nordeste, de Minas Gerais, do Espírito Santo, do Norte fluminense que procuram o Grande Rio, encontram aqui melhores condições de vida do que nas suas terras de origem. Como a política social de nosso país sempre deu preferência à capital e às áreas metropolitanas, os imigrantes acham aqui melhores oportunidades de trabalho. Mas se olharmos a situação mais de perto, descobriremos que não estão preparados. Falta-lhes formação profissional. Falta-lhes sobretudo consciência da dignidade do trabalho, já que lhes falta competência. Daí a exploração de que são vítimas. Francamente não é isto que se chama trabalho, emprego. Acho que, havendo seriedade e decisão nos responsáveis, havendo espírito de fé sobrenatural nos cristãos, se poderá dar uma solução satisfatória às lamentáveis distorções que entre nós viciam o mundo do trabalho.

A Folha: *Então o senhor acha que a solução depende exclusivamente dos responsáveis, isto é: do Governo, dos empresários, das elites?*

D. Adriano: Penso que a solução satisfatória depende também muito do próprio empregado. Em todo o mundo foi assim. As conquistas da classe operária, dos camponeses na Europa foram decretadas pelos governos, graças à pressão das bases conscientizadas. Aqui está o ponto. Enquanto não tivermos um povo conscientizado de suas aspirações, de seus direitos e deveres, de sua corresponsabilidade na construção da comunidade nacional, de sua dignidade, nunca resolveremos satisfatoriamente o problema. Ora, sucede que certas elites receiam esta conscientização: preferem prolongar indefinidamente o paternalismo dos chefes e o infantilismo das massas. Certas elites dão-se por satisfeitas quando fornecem a adolescentes ou jovens bem comportados um instrumental de trabalho, uma formação profissional meramente técnica. Isto é pouco. Sem conscientização, sem dimensão comunitária, sem integração no esforço global do povo para se realizar como povo, a profissão meramente técnica fica exposta a toda espécie de deturpação, podendo inclusive ser manipulada contra a própria classe trabalhadora. Para haver trabalho digno, para todos terem chance de um trabalho digno, a visão cristã do homem e do trabalho exige a conscientização profunda e constante do trabalhador: saber o que é como pessoa e como membro da comunidade, saber sua dignidade, sua responsabilidade, seus direitos e deveres, ter chance de crescer e progredir, ter condições de assumir e de participar.

A Folha: *Será que chegaremos algum dia a esta conscientização no Brasil?*

D. Adriano: Sem dúvida nenhuma. Apesar de muitas dificuldades, marchamos nesta direção. Há 100 ou 150 anos sucedia na Europa o que hoje sucede entre nós. Lá mudou. Aqui também mudará.

LITURGIA & VIDA A LITURGIA RENOVA

Uma das metas do Concílio Vaticano II era "acomodar às necessidades de nossa época as instituições que são suscetíveis de mudança" (SC 1).

A história não pára. Há na comunidade humana um dinamismo irrefreável. E por mais gostosos que sejam certos costumes e certas tradições, a vida marcha e descobre sempre novos dados. Muita coisa boa de ontem perdeu hoje o sentido. E não há nostalgia, não há tradicionalismo, não há coação que possa deter o fluxo da história.

Uma Igreja que quer ser e deve ser a presença salvífica de Jesus Cristo no meio do mundo tem de ser sensível às mutações históricas. Tem de adaptar suas estruturas humanas à situação nova da humanidade. Igreja é luz e vida, não é museu.

Conservando como não pode deixar de conservar o que é sua essência imutável — esta conservação e fidelidade é obra sobretudo do Espírito Santo —, a Igreja tem de lutar para se acomodar às necessidades de cada período histó-

rico. Neste seu esforço há uma tensão fecundante.

Seria relativamente fácil conservar o antigo e fechar-se radicalmente ao novo. Seria relativamente fácil despojar-se do antigo e abrir-se radicalmente ao moderno. O difícil, o que produz tensões fecundantes sim mas dolorosas e às vezes ambíguas é a fidelidade ao antigo que é essencial ou que ainda é vivo e ao mesmo tempo a abertura para o novo que é sadio e vivo. Esta tensão nunca será eliminada, como gostariam de impor os radicais.

A Liturgia, sobretudo a Eucaristia, nos ajuda a encontrar o meio termo, o reto equilíbrio entre as tendências radicalizantes e fanáticas. A Eucaristia, como mistério do despojamento total do Filho de Deus, nos faz crescer também no despojamento, a ponto de exclamarmos com Paulo: "Para mim verdadeiramente viver é Cristo e morrer é um lucro" (Fl 1,21). Este despojamento nos faz capazes de discernir o que é vivo e sadio tanto no antigo como no novo.

IMAGEM DIVERTIDA

1. Seu Gildo, pacato e sensível cidadão, queima de amor à grande Pátria que a duras penas vamos construindo. Daí por que se impressiona com a crise de gasolina. O petróleo terminará. E uma sociedade que se ergueu sobre lençóis de petróleo vê-se marchando para a morte quando os lençóis previsivelmente secarem. Importa uma solução drástica. Mas antes os pensadores oficiais e oficiosos fundiram a cuca. E descobriram fórmulas de simplicidade impressionante, como logo se verá.

2. Entre os produtos gloriosos das cucas fundidas seu Gildo escuta e ouve: «Não passe de oitenta! Descanse em casa nos domingos e feriados! Ande a pé! Prefira a bicicleta! Poupe gasolina!» Etc. e tal. Mas a simplicíssima de todas as fórmulas geniais achou-a o inspirado jornalista: «transporte solidário». Olhai, tu que andavas solitário em teu carrão: carregue mais dois, mais três, mais quatro. O Governo aderiu à campanha genial e pela TV sugeriu a todos os cidadãos: «Brasileiro, dê carona! Brasileiro, peça carona». Feliz Pátria.

3. Feliz Pátria do transporte solidário. Mas foi aí que seu Gildo se estrepou. Estende o braço e pede carona. O carro pára (conta) e eu perguntei se eles podiam me dar carona pra cidade. O homem gordo que ia no banco traseiro danou-se e falou de prisão. Arancou. Passado o susto, verifiquei que era um carro oficial, chapa branca. Meu Deus, que perigo. Seu Gildo aprendeu na carne a secular sabedoria: «Faça o que eu digo, não faça o que eu faço». Aprendeu também que a gasolina dos chapas brancas é muito diferente. (A. H.).

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Dn 9,4b-10; Lc 6,36-38 /
Terça-feira: Is 1,10.16-20; Mt 23,1-12 /
Quarta-feira: 1Pd 5,1-4; Mt 16,13-19 /
Quinta-feira: Jr 17,5-10; Lc 16,19-31 /
Sexta-feira: Gn 37,3-4.12-13a.17b-28; Mt 21,33-43.45-46 / Sábado: Mq 7,14-15.18-20; Lc 15,1-3.11-32 / Domingo: Ex 17,3-7; Rm 5,1-2.5-8; Jo 4,5-42.

MINISTÉRIO DA PALAVRA TRABALHO PARA TODOS

O problema do trabalho — Emprego e subemprego — Falta de formação profissional — Exploração — A solução depende do operário também — Conscientização — Recceio das elites — Paternalismo e infantilismo — Esperança.

A Folha: *O tema da Campanha da Fraternidade de 1978 é "Fraternidade no Mundo do Trabalho". E o lema: "Trabalho e justiça para todos". Por que esta insistência num problema que todo o mundo conhece e que não se pode resolver?*

D. Adriano: Há um engano em dizer que todo o mundo conhece o problema levantado mais uma vez pela Campanha da Fraternidade. Muitíssimas pessoas ignoram que não há trabalho para todos. Há gente bem que pensa: no Brasil há trabalho para quem quer trabalhar, só não trabalha quem é preguiçoso. Teoricamente isto pode ser verdade. Na prática a situação é diferente. Mesmo em regiões industrializadas, como por exemplo no Rio de Janeiro, o que predomina é o subemprego. Certamente os milhares de camponeses vindos do Nordeste, de Minas Gerais, do Espírito Santo, do Norte fluminense que procuram o Grande Rio, encontram aqui melhores condições de vida do que nas suas terras de origem. Como a política social de nosso país sempre deu preferência à capital e às áreas metropolitanas, os imigrantes acham aqui melhores oportunidades de trabalho. Mas se olharmos a situação mais de perto, descobriremos que não estão preparados. Falta-lhes formação profissional. Falta-lhes sobretudo consciência da dignidade do trabalho, já que lhes falta competência. Daí a exploração de que são vítimas. Francamente não é isto que se chama trabalho, emprego. Acho que, havendo seriedade e decisão nos responsáveis, havendo espírito de fé sobrenatural nos cristãos, se poderá dar uma solução satisfatória às lamentáveis distorções que entre nós viciam o mundo do trabalho.

A Folha: *Então o senhor acha que a solução depende exclusivamente dos responsáveis, isto é: do Governo, dos empresários, das elites?*

D. Adriano: Penso que a solução satisfatória depende também muito do próprio empregado. Em todo o mundo foi assim. As conquistas da classe operária, dos camponeses na Europa foram decretadas pelos governos, graças à pressão das bases conscientizadas. Aqui está o ponto. Enquanto não tivermos um povo conscientizado de suas aspirações, de seus direitos e deveres, de sua corresponsabilidade na construção da comunidade nacional, de sua dignidade, nunca resolveremos satisfatoriamente o problema. Ora, sucede que certas elites receiam esta conscientização: preferem prolongar indefinidamente o paternalismo dos chefes e o infantilismo das massas. Certas elites dão-se por satisfeitas quando fornecem a adolescentes ou jovens bem comportados um instrumental de trabalho, uma formação profissional meramente técnica. Isto é pouco. Sem conscientização, sem dimensão comunitária, sem integração no esforço global do povo para se realizar como povo, a profissão meramente técnica fica exposta a toda espécie de deturpação, podendo inclusive ser manipulada contra a própria classe trabalhadora. Para haver trabalho digno, para todos terem chance de um trabalho digno, a visão cristã do homem e do trabalho exige a conscientização profunda e constante do trabalhador: saber o que é como pessoa e como membro da comunidade, saber sua dignidade, sua responsabilidade, seus direitos e deveres, ter chance de crescer e progredir, ter condições de assumir e de participar.

A Folha: *Será que chegaremos algum dia a esta conscientização no Brasil?*

D. Adriano: Sem dúvida nenhuma. Apesar de muitas dificuldades, marchamos nesta direção. Há 100 ou 150 anos sucedia na Europa o que hoje sucede entre nós. Lá mudou. Aqui também mudará.

LITURGIA & VIDA A LITURGIA RENOVA

Uma das metas do Concílio Vaticano II era "acomodar às necessidades de nossa época as instituições que são suscetíveis de mudança" (SC 1).

A história não pára. Há na comunidade humana um dinamismo irrefreável. E por mais gostosos que sejam certos costumes e certas tradições, a vida marcha e descobre sempre novos dados. Muita coisa boa de ontem perdeu hoje o sentido. E não há nostalgia, não há tradicionalismo, não há coação que possa deter o fluxo da história.

Uma Igreja que quer ser e deve ser a presença salvífica de Jesus Cristo no meio do mundo tem de ser sensível às mudanças históricas. Tem de adaptar suas estruturas humanas à situação nova da humanidade. Igreja é luz e vida, não é museu.

Conservando como não pode deixar de conservar o que é sua essência imutável — esta conservação e fidelidade é obra sobretudo do Espírito Santo —, a Igreja tem de lutar para se acomodar às necessidades de cada período histó-

rico. Neste seu esforço há uma tensão fecundante.

Seria relativamente fácil conservar o antigo e fechar-se radicalmente ao novo. Seria relativamente fácil despojar-se do antigo e abrir-se radicalmente ao moderno. O difícil, o que produz tensões fecundantes sim mas dolorosas e às vezes ambíguas é a fidelidade ao antigo que é essencial ou que ainda é vivo e ao mesmo tempo a abertura para o novo que é sadio e vivo. Esta tensão nunca será eliminada, como gostariam de impor os radicais.

A Liturgia, sobretudo a Eucaristia, nos ajuda a encontrar o meio termo, o reto equilíbrio entre as tendências radicalizantes e fanáticas. A Eucaristia, como mistério do despojamento total do Filho de Deus, nos faz crescer também no despojamento, a ponto de exclamar-mos com Paulo: "Para mim verdadeiramente viver é Cristo e morrer é um lucro" (Fl 1,21). Este despojamento nos faz capazes de discernir o que é vivo e sadio tanto no antigo como no novo.